

## **OBSERVATÓRIO DE CULTURA ESCOLAR: como nossas pesquisas concebem a prática e como operamos com ela?**

Fabiany de Cássia Tavares SILVA (UFMS/OCE/PPGEdu)  
Eurize Caldas Pessanha (UFMS/OCE/PPGEdu)

A materialidade das práticas de pesquisa e dos discursos que as organizam, a análise dos contextos sócio-históricos, a reescrita dos elementos constitutivos e da lógica estruturante dos diferentes “discursos educativos”, bem como a relação dos discursos pedagógicos com as problemáticas mais importantes a que pretenderam ou pretendem dar resposta, sustentam as propostas e objetos de investigação do Observatório de Cultura.

Nesse sentido, estão orientadas pela busca da reescrita da história curricular na cultura escolar e do currículo como cultura da escola.

### **1 As práticas de reescrita da história curricular**

A reescrita da história curricular é organizada em torno do estudo e da análise dos programas de ensino, regulamentos, relatórios de inspetores escolares, livros e manuais didáticos e cadernos escolares. Enfatizamos a cultura material escolar como parte da herança cultural, por meio do contato e/ou organização com/dos arquivos de documentos da educação em escolas, do rastreamento dos livros e manuais didáticos em temáticas/áreas de saberes/disciplinas específicas, na tomada das memórias orais e histórias de vida, no reconhecimento do acervo das bibliotecas dos Conselhos Estaduais de Educação.

Nessa perspectiva, temos nos orientado por práticas que dialoguem com as técnicas da pesquisa histórica, principalmente aquelas relacionadas ao tratamento das fontes, dos documentos e dos arquivos. Na organização dessas fontes, mais do que reunir, catalogar, conservar e possibilitar a gestão das informações, temos estabelecidos regras, normas e métodos de trabalho desconstruindo e reconstruindo, fazendo, testando e fazendo outra vez.

Na produção de fontes orais temos utilizado entrevistas e depoimentos, isto é, técnicas pertencentes ao universo metodológico da história oral. História oral, aqui entendida como um método capaz de produzir interpretações sobre processos históricos referidos a um passado recente, o qual, muitas vezes, só é dado a conhecer por intermédio de pessoas que participaram ou testemunharam algum tipo de acontecimento.

As entrevistas (**abertas e semi-estruturadas**), os depoimentos e as histórias de vida são práticas que têm nos permitido conhecer, ainda que parcialmente, determinados processos históricos, sociais e educativos desde a ótica daqueles que estão imersos nesses mesmos processos. Aqui, abrimos um parêntese para o uso da **entrevista projetiva**, para a qual fazemos uso de recursos visuais, principalmente, fotografias coletadas nas escolas, que permitem oferecer aos entrevistados mais dados para ativar suas lembranças.

Vale destacar que a diferença entre essas técnicas está na forma específica de agir do pesquisador ao utilizá-las. Nosso ponto de partida tem sido, necessariamente, a precisa delimitação do problema de pesquisa, pois ela permite que reordenemos os acontecimentos rememorados pelo entrevistado, considerando que eles correspondem a um fluxo de lembranças. Bosi (1987) reconhece que as lembranças evocadas e transmitidas por um sujeito estão presas à sua trajetória de vida, o que lhe permite oferecer um testemunho das transformações ocorridas ao seu redor e, ao mesmo tempo, produzir uma análise das mudanças por ele percebidas.

## **2 As práticas da/na/pela/sobre cultura da escola**

No que diz respeito ao currículo como cultura da escola, temos optado pelo uso de algumas técnicas da pesquisa etnográfica, principalmente, aquelas ligadas às observações contextualizadas, em cruzamento com o estudo comparado.

Para tentar compreender a relação escola, currículo, cultura escolar, trabalhamos com a perspectiva de desconstrução. Nesse processo de desconstrução o conceito central, utilizado por nós para explicar o modo como a prática é tomada em nossas pesquisas é o de *habitus*.

A teorização em torno deste conceito permite-nos explicar como e por que a lógica da prática ou o domínio prático da prática não se confunde com a interação social, com a consciência prática, com as racionalizações discursivas ou com a regra (do costume ou da instituição) mais ou menos explícita.

Assim sendo, nossas práticas de pesquisas são também ordinárias e estão imbricadas no processo de produção cultural dos nossos objetos. Entender isso é compreender que a escola como instituição tem um papel determinado por essas relações.

As práticas desenvolvidas no seu interior, às vezes, carecem de explicitações exteriores a elas e não são frutos de intenções racionalizadas e individuais. A análise da cultura é a tentativa de descobrir a natureza dessa organização que é o complexo dessas relações. Tomamos, portanto, a cultura como um sistema de comunicação e consideramos a comunicação como o processo no qual a cultura encontra terreno para o seu desenvolvimento.

Para tanto, temos feito uso das **Técnicas documentais**, pelas quais observamos os documentos escritos, ou não, que revelam fenômenos sociais, educativos e culturais. Privilegiadamente temos estudado os Documentos Curriculares Nacionais, Regionais e Locais, bem como o conjunto da legislação que forja a “escola inclusiva” brasileira, na perspectiva da localização da construção do discurso pedagógico, das suas regras de distribuição, recontextualização e avaliação.

No espaço das escolas pesquisadas temos proposto práticas de **observação-participação** através da constituição de **grupos de discussão temáticos** com professores e gestores das escolas pesquisadas, a fim explorarmos as potencialidades da homogeneidade e da heterogeneidade das ideologias, dos discursos, das culturas e, principalmente, das relações de poder.

Essa constituição se dá por meio de **grupos homogêneos e grupos heterogêneos**, isto é, só com professores ou só com gestores e, com professores e gestores, para captar os diferentes lugares nos quais suas idéias, valores e práticas estão posicionados e contextualizados. Vale destacar, que para nós a organização desses grupos, significa não reduzirmos o processo de investigação a uma simples coleta de informações.

Enfatizamos isso, pois usamos, também, o **inquérito por questionário**,

destinado a explorar a opinião das pessoas ao qual se dirige. Temos proposto dois tipos de questionários, a saber: um com um conjunto pré-determinado de perguntas e, outro, quantificável por meio de uma escala de apreciação (da concordância plena à discordância).

### **Finalizando...**

O que foi exposto traduz-se num dia-a-dia de pesquisa cheio de perguntas cruzadas. Não deve passar um dia em que não haja uma pergunta do tipo "como faria neste caso?". Quando se chega a uma conclusão definitiva sobre "como fazer", é mais uma peça que se encaixa. Mais uma decisão tomada: "a partir de agora fazemos assim". Há questões que ficam "penduradas" até o dia em que algum de nossos pesquisadores dê o seu parecer ou conte sua experiência.

### **Referencias:**

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T.A.Queiroz; Edusp, 1987.

ESPINDOLA, Ana Lúcia. **Mães, crianças e livros**: investigando práticas de letramento em meios populares. Campo Grande: UFMS, PROPP, 2007.

PESSANHA, Eurize Caldas. **Observatório de cultura escolar: (3)**: um estudo sobre a cultura escolar de uma instituição escolar exemplar constituída no processo de urbanização e modernização das cidades brasileiras. Campo Grande: UFMS, PROPP, FUNDECT MS, 2006.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. **Observatório de cultura escolar (2) e (8)**: Gestão controlada das "diferenças" nas/pelas leituras e leitores da escola inclusiva e, Estudo das propostas curriculares locais pós Parâmetros Curriculares Nacionais e Referenciais Curriculares de Educação Infantil (1998-2007). Campo Grande: UFMS, PROPP, FUNDECT MS, 2006, 2008.

XAVIER FILHA, Constantina. **Já é tempo de saber**: construção discursiva da Educação Sexual em Manuais e Livros infanto-juvenis (1930 e 1980 do século XX). Campo Grande: UFMS, PROPP, FUNDECT MS, 2006.